



HOUVE UM TEMPO EM QUE ESTÁVAMOS TODOS VIVOS

Daniel Blaufuks

De 19 de Abril a 19 de Maio 2018
INAUGURAÇÃO 19 de Abril 18h-21h

Exposição individual

Vídeo-instalação e fotografia

CARLOS CARVALHO ARTE CONTEMPORÂNEA
Rua Joly Braga Santos, Lote F R/C
1600 - 123 Lisboa Portugal
Seg - Sex 10h00 - 19:30 | Sáb 12h00 - 19:30

Esta exposição parte de um sonho que me apareceu durante uma noite em Roma. Depois de visitar em vários dias seguidos, e por vezes mais do que uma vez em cada dia, o Panteão, houve uma manhã em que acordei com a frase que dá o título à exposição na cabeça e entre os lábios. Durante vários minutos, ainda deitado, repeti sucessivamente, como um mantra, a sequência de palavras HOUVE UM TEMPO EM QUE ESTÁVAMOS TODOS VIVOS, tentando decifrar o que isso significa exactamente. Recordei então que tinha encontrado neste sonho vários mortos e que estes pareciam, obviamente, vivos, como se eu tivesse regressado a um tempo em que, de facto, estávamos todos vivos.

Este tempo só existe num estado de graça, que corresponde a uma infância feliz, em que ainda não perdemos ninguém demasiado próximo e em que nem sabemos bem o que é a morte. Sentimos-nos invencíveis, imortais e eternos. Esse estado acaba, muitas vezes abruptamente, algures entre a infância e a juventude, para uns, mais infelizes, mais cedo, para outros, cheios de sorte, mais tarde. Para muitos, este período de inconsciência não chega sequer a existir, estes são os mais desafortunados, e não são poucos.

Claro que este tempo em que estávamos todos vivos é uma fantasia, um sonho impossível, porque todos os tempos existem em transição e em deslocação. Queremos agarrar esse tempo, porque também desejamos agarrar essas pessoas, que tanta falta nos fazem, e porque também nós entretanto já sabemos que não somos imortais e que há de mesmo existir um tempo em que estaremos todos

mortos. Mas este tempo também pode corresponder apenas a um exacto núcleo de pessoas, uma família, uns amigos, uma fotografia de escola ou de um batalhão, de uma comunidade, em que, um a um, vamos riscando os nossos companheiros, esperando a nossa vez, e nunca sabendo quem nos riscará a nós. Um amigo disse-me, há uns tempos, que existe uma altura na vida em que começamos a pensar quem irá ser a pessoa que mexerá nas nossas gavetas quando morrermos, que irá vasculhar na nossa intimidade, que já não fará mais sentido então, assim como os nossos objectos deixarão, no mesmo instante, de ter aquela específica memória privada, que os parece tornar tão valiosos aos nossos olhos. Sem função e sem memória, sem valor de raridade, serão como as fotografias que se vendem ao desbarato na feira da ladra, cujo actual proprietário nem se preocupa em as cobrir do sol do meio-dia.

O panteão em Roma, que é o edifício mais antigo, apesar de ter sofrido transformações, ainda em funcionamento, era um templo, acabado pelo Imperador Adriano, e supostamente dedicado a todos os deuses romanos, como a sua denominação de origem grega indica. Mais tarde, com a unificação da crença num único deus, o panteão passou a ser uma igreja e um espaço de veneração de mortos, que, em vida, algo tinham feito para merecer esta imensa honra. Desde a Revolução Francesa em que a igreja de Sainte-Geneviève foi transformada num monumento secular para os mortos, com o nome de Panteão, que essa utilização se tornou comum em vários países. O pintor Rafael, falecido ainda jovem, está precisamente sepultado no Pantheon de Roma, perto dos reis unificadores de Itália, como se os séculos que os separaram em vida pouco ou nada representassem no tempo infinito da morte.

Assim as minhas visitas ao panteão e os meus mortos foram, de certa forma, reunidos através do meu sonho romano. Tentei celebrar isso com uns apontamentos fotografados e filmados da luz que atravessa há séculos este edifício comovente, construído em torno de um grande óculo a céu aberto, por onde cai a chuva e por onde o sol vem marcar as horas contornando as paredes em redor. Consegui abstrair-me dos incontáveis turistas e assisti a uma missa no espaço esvaziado para o efeito. Olhei para o edifício e, consciente do seu imenso passado, tentei-o projectar como uma nave espacial em direção ao futuro. Gravei e trabalhei o som da horda de visitantes, que me recordou o ruído do exército romano ao ataque num filme americano que vi em tempos. Dei-lhe três leituras paralelas, abusando de técnicas fotográficas, simbolizando talvez as três diferentes religiões monoteístas que parecem, mais uma vez, se ter esquecido que veneram exactamente um mesmo D'us.

Curiosamente, no meu sonho, a maioria das pessoas eram pessoas próximas, mas distantes. Provavelmente não chegámos nunca a ter a conversa que deveríamos ter tido. Mas o que é que isso interessará no tempo que há-de vir?

Daniel Blaufuks
Ponta Delgada, Março de 2018